

**A INTERNACIONALIZAÇÃO:  
BREVES CONSIDERAÇÕES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO ÂMBITO  
DA LÍNGUA INGLESA**

**THE INTERNATIONALIZATION:  
BRIEF CONSIDERATIONS IN THE ENGLISH LANGUAGE TEACHERS  
EDUCATION**

**Thelma Lage<sup>1</sup>  
Selma Maria Abdalla Dias Barbosa<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo discutir e refletir sobre a Internacionalização do ensino superior em países de terceiro mundo como o Brasil, principalmente no extremo norte do país, no intuito de contribuir para a área de formação de professores de línguas adicionais. Apresentamos uma perspectiva sociocultural e histórica dos termos globalização e internacionalização (OCTAVIO IANNI, 2010; JANE KNIGHT, 2003; PHILIP ALTABACH, 2002, 2006; STUART HALL, 2006; MOROSINI, 2006 dentre outros) como também, uma relação de interdependência entre o advento da globalização, a internacionalização e as identidades sociais e culturais do sujeito pós-moderno.

**Palavras-chave:** Internacionalização, globalização, identidades

**Abstract:** This article aims to discuss and analyze the internationalization of higher education in third world countries such as Brazil, in order to contribute to the area of teaching and learning additional languages. We present a sociocultural and historical perspective of the terms globalization and internationalization discussed by some authors (OCTAVIO IANNI, 2010, JANE KNIGHT, 2003, PHILIP ALTABACH, 2002, 2006, STUART HALL, 2006, MOROSINI, 2006). As well as the interdependence between the advent of globalization, internationalization and the social and cultural identities of the postmodern human being.

**Keywords:** internationalization, globalization, identities

## **Introdução**

O mundo tem apresentado, ao longo das últimas décadas, transformações diversas em âmbito socioeconômico, cultural e tecnológico, as quais atingiram diferentes dimensões da sociedade contemporânea. Tais mudanças estão diretamente associadas ao processo de

---

<sup>1</sup> Tradutora e Intérprete da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Mestre em Desenvolvimento Regional pela UFT na linha de Políticas Públicas com foco na Internacionalização do Ensino Superior. Atua como Coordenadora do Centro de Línguas da referida instituição. E-mail: thelma@uft.edu.br

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins (UFT), docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL) e PROFLETRAS (Mestrado Profissional). Atua na área de Linguística Aplicada com ênfase em Formação de professores de Línguas. Email: selmaabdalla@uft.edu.br

globalização, o qual se apresenta como conceito abrangente que induz a diferenciadas perspectivas de análises.

Caracterizada por seu perfil impositivo, a globalização atravessa as sociedades, rompendo as fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades diversas. A Globalização é, portanto, considerada “um fenômeno complexo, com impactos sociais positivos e negativos, abrangendo economia, cultura, identidade, política e tecnologia” (BLOCK; CAMERON, 2002, p.2-5).

Ao vivenciarmos a era da globalização que exerce grande impacto em todos os aspectos e influencia significativamente o uso da linguagem, percebe-se que aquisição da proficiência em língua estrangeira é imprescindível para a comunicação internacional e, neste sentido, o ensino da língua inglesa se destaca claramente, sendo na maioria das vezes priorizado frente aos demais idiomas. Neste sentido, Crystal (2003) coloca que, “uma língua adquire o status de uma linguagem global, quando lhe é dado um papel que é reconhecido em todos os países”. E ainda, vale ressaltar que Swann e Seargeant (2011) definem a linguagem global como “um código único para unir linguisticamente os povos em todo o mundo” (p.196).

A relevância da linguagem global tem se firmado significativamente e Hasman, (2004, p.19) destaca que “quando os pilotos mexicanos pousam seus aviões na França, eles, bem como os controladores terrestres, utilizam o inglês. Quando os físicos alemães pretendem alertar a comunidade científica internacional para novas descobertas, eles as publicam primeiramente em inglês. Quando os executivos japoneses conduzem negócios com empresários escandinavos, eles negociam em inglês. Quando os cantores pop escrevem suas músicas, eles costumam usar letras ou frases em inglês. Quando os manifestantes querem alertar o mundo sobre seus problemas, eles exibem sinais em inglês”, e mais recentemente, quando o graduando ou pós-graduando quer pleitear uma bolsa sanduíche para estudar um período no exterior, preferencialmente, terá que escolher um país que fale a Língua Inglesa. Para incentivar a mobilidade desse aluno, os programas de pós-graduações, das Instituições Federais de Ensino Superior (IES) no Brasil, propõem uma disciplina chamada *Research and Academic Writing in English Language* (Pesquisa e Escrita Acadêmica em Inglês), no intuito dos pós-graduandos e pesquisadores aprendam a escrever textos científicos em Língua Inglesa.

A língua inglesa assume, portanto, papel primordial como língua franca global, uma vez que se apresenta intimamente relacionada ao processo de globalização, e segundo Huppauf (2004), “sua disseminação é inseparável do fenômeno aqui referido”, ou seja, da globalização, como também do advento da Internacionalização das IES brasileiras, tendo como um de seus

objetivos, oportunizar programas em que os alunos possam participar de mestrados e doutorados sanduíches (metade do curso executado no Brasil e a outra metade no exterior), em outras palavras, propiciar a interação entre várias culturas, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão. Buscando assim, maior visibilidade e reconhecimento internacional das universidades brasileiras.

Contudo, nessa linha de raciocínio, para muitos, ser proficiente na língua inglesa remete a uma impressão bastante positiva e privilegiada diante deste contexto de internacionalização, posição que, muitas vezes, é apenas aparente e nem sempre condizente com a realidade. Pois é possível verificar que o grande desafio enfrentado na atualidade pelos estudantes de ensino superior é o idioma. A fluência em uma língua estrangeira, muitas vezes, se constitui fator de empecilho para uma participação de sucesso tanto nos Programas de Pós-graduação *Stricto-Sensu* quanto nas mobilidades acadêmicas internacionais, limitando significativamente a atuação dos estudantes no mundo contemporâneo interligado. Tal fator reforça a percepção do quão precário é o ensino de línguas nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, perpetuando muitas vezes, a “cultura do monolinguísmo”<sup>3</sup>, principalmente nas regiões do extremo norte do Brasil, onde se experiêcia o descaso e descompromisso com políticas públicas quanto ao incentivo do ensino de uma segunda língua, a língua Inglesa, nas escolas públicas.<sup>4</sup>

Por outro lado, a tecnologia, a informação e a explosão do conhecimento têm fomentado o ensino e aprendizado da língua inglesa como língua internacional, e ao contextualizar tal fator em nível global, verifica-se o enfrentamento de problemas significativos, dentre eles, destacamos o fenômeno da Internacionalização do ensino superior (IES), no qual vislumbramos duas vertentes a serem refletidas e analisadas: (a) a internacionalização como uma ressignificação da globalização homogeneizante e mercantilista; ou (b) a internacionalização como uma questão político-econômica de emancipação e empoderamento das vozes do sul.

Destarte, este artigo tem como objetivo analisar e discutir de forma crítico-reflexiva a questão da internacionalização do ensino superior, fenômeno que se encontra em expansão nas universidades brasileiras e, principalmente, nos programas de Pós Graduação (*Stricto-Sensu*),

---

<sup>3</sup> Quando mencionamos a cultura do monolinguismo, nos remetemos ao questionamento de Oliveira (2009): “A concepção que se tem do país é a de que aqui se fala uma única língua, a língua portuguesa. Ser brasileiro e falar o português (do Brasil) são, nessa concepção, sinônimos. Trata-se de preconceito de desconhecimento da realidade ou antes de um projeto político - intencional, portanto - de construir um país monolíngue?”

<sup>4</sup> Recentemente vivenciamos no Estado do Tocantins a diminuição da carga horária de Língua Inglesa do Ensino Médio para 2h semanais, haja vista a inviabilidade de um ensino de qualidade instaurado, sendo injustamente implantado, sem nenhum diálogo com a comunidade, formadores de professores de Línguas, futuros professores de línguas em formação, pesquisadores da área e com os próprios professores de Língua Inglesa da Rede Pública de Ensino do Estado.

provocando discussões diversas, vários apontamentos contraditórios e polêmicos, debatidos em congressos nacionais e internacionais. Em vista disso, pela complexidade do fenômeno instaurado, não pretendemos esgotar e, muito menos, trazer a solução de tal problemática, e sim, engrossar o caldo das discussões levantadas, como também, trazer à baila, outras questões instigadoras de futuras análises sobre o tema aqui abordado, no intuito de contribuir para a área de formação de professores de língua materna e estrangeira, como também para o fortalecimento das IES.

Este artigo está organizado em duas principais seções, além desta Introdução, das Considerações finais e das Referências. Na seção Globalização, Internacionalização da Educação Superior e Identidades Culturais, apresentamos uma perspectiva sociocultural e histórica dos termos globalização e internacionalização (OCTAVIO IANNI, 2010; JANE KNIGHT, 2003; PHILIP ALTABACH, 2006; STUART HALL, 2006; MOROSINI, 2006 dentre outros), como também apresentamos uma relação de interdependência entre o advento da globalização e a internacionalização e identidades culturais do sujeito pós-moderno. Esta discussão abrange três vias díspares: A internacionalização como ressignificação da globalização neoliberal, mercantilista e hegemônica; a internacionalização como fenômeno emancipatório e de empoderamento das IES brasileiras e, ainda, propomos uma ‘terceira margem do rio’, ou seja, a internacionalização como forma de reexistência e resiliência do sistema educacional brasileiro, e, mais especificamente, para o processo de ensino e aprendizagem de línguas adicionais no Brasil.

## **1 Globalização, internacionalização da educação superior e identidades culturais**

A sociedade contemporânea vivencia um período de extraordinário dinamismo expresso na economia, na cultura e na tecnologia, onde a universidade do século XXI se constitui como instituição participante de forma ativa no processo dessas constantes transformações. Nesse cenário, a instituição de ensino aqui referida é impactada de modos diversos pelos sucessivos desafios impostos pela sociedade do conhecimento, pelo mundo da informação e pela era da globalização, fazendo com que fronteiras e hemisférios sejam transcendidos.

Ao buscar a compreensão do processo de globalização é necessário ir além da visão de abertura de fronteiras e geração de espaço mundial comum e perceber que seu impacto tem incidido, dentre outros aspectos, diretamente na política, tecnologia, cultura e educação do mundo. Assim, vista muitas vezes como a ruptura de espaços nacionais, a globalização tem

gerado, nas últimas décadas, a clara percepção de um drástico encolhimento do mundo como resposta direta à sua existência. Segundo Ianni (2010, p. 243), a globalização pode ser definida como “a intensificação das relações sociais em escala mundial que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo há muitas milhas de distância e vice versa”.

O autor acrescenta, ainda, que a globalização diz respeito a todos os processos por meio dos quais os povos do mundo são incorporados em uma única sociedade mundial, a sociedade global (IANNI, 2010, p. 248). Reforça, em sua obra *Teoria da globalização* (2010), a necessidade da construção de novos sujeitos – sociais, culturais e internacionais – que sejam capazes de expressar as grandes maiorias excluídas pela globalização e pelos megamercados. Nesse sentido, apresentando a expressão utilizada por Marshall McLuhan, Ianni (2010) aponta como uma das principais características da globalização sua imposição ao mundo a respeito da noção de “aldeia global”, expressando a globalidade que abarca o campo das ideias, dos padrões e dos valores socioculturais.

Ao observar o desenvolvimento do referido processo, verifica-se que o mesmo passa a apresentar-se de forma mais intensa a partir da década de 1980, especialmente a partir do fim da chamada “Guerra Fria” e da abertura irrestrita dos países que compunham o bloco soviético à economia de mercado, através de um contínuo aperfeiçoamento das tecnologias, em especial no que concerne ao sistema de transporte, comunicação e sistema bancário, acabando por propiciar intensos fluxos de capitais, bens, informações e pessoas, até então jamais vistos (BERNARDES, 2006).

Conforme colocado por Dowbor, Ianni e Resende (1998), a globalização vem, desde então, acarretando mudanças significativas em nível mundial em termos de dimensões e tempo, apresentando-se de maneira desigual em sua conjuntura. Os autores também chamam atenção para o poder de influência da globalização sobre as condições e possibilidades de construção e exercício da hegemonia através da atuação das organizações multilaterais e corporações transnacionais, denominadas por eles como poderosas e ativas *estruturas mundiais de poder*, as quais têm crescido em agressividade e abrangência, influenciando nações e regiões com implicações sociais bem como culturais. Isso posto, vale salientar que os autores acima mencionados relatam que em decorrência da globalização.

Os vários aspectos da realidade política, social, econômica ou cultural passam a obedecer a espaços e tempos diferenciados, gerando cada um seu ritmo, seu tempo e seu espaço e novas contradições. Surge assim uma nova complexidade, que exige

novos conceitos, novas metodologias, em autêntica ruptura epistemológica (DOWBOR; IANNI; RESENDE, 1998, p. 7).

Morosini (2006) ressalta que no contexto estabelecido diante da bipolaridade regional-global que passa a se manifestar, é iniciada uma jornada rumo a uma maior globalização e que tal perspectiva tem nas políticas educacionais, no caso de internacionalização universitária, mobilidade de estudantes, graduado, professores e instituições um fator primordial, destacando que:

As características da educação estão intimamente imbricadas com o processo de globalização e com as determinações oriundas de organismos internacionais multilaterais. O Estado avaliativo adquire a conotação de avaliação em todos os aspectos da realidade educacional e em todos os níveis do sistema. Entretanto, é no sistema de ensino superior que se verifica o maior impacto. Isto porque, a globalização considera como um dos principais valores o conhecimento e neste, o advindo de patamares superiores, onde a busca de educação e certificação continuada se faz presente. A universidade adquire um valor máximo e a concepção de liberdade acadêmica, símbolo da intocabilidade do ensino superior passa a sofrer impacto (MOROSINI, 2006, p. 4).

Assim, novas necessidades formativas são colocadas às instituições de educação superior, onde a internacionalização passa a se evidenciar tanto como tendência global prevaemente numa contemporaneidade caracterizada pelo crescente processo de integração cultural, bem como estratégia preponderante para a inserção dos países, principalmente os que estão em processo de desenvolvimento, ao mundo globalizado. Nesta direção, observa-se que a internacionalização tem se mostrado cada vez mais ampla no que concerne à sua escala, abrangência e valor, conduzindo a um processo de integração da dimensão intercultural, internacional e global às funções, propósitos e efetivação do ensino superior.

Morosini (2011) relata que a internacionalização da educação superior pode ser analisada em diferentes planos, tais como: o *plano do sistema de educação superior* e o *plano da instituição universitária*, os quais, de acordo com a autora, estão interconectados. Prossegue com sua linha de raciocínio afirmando que a internacionalização da educação superior, na perspectiva de sistemas de educação, pode ser compreendida em termos de modelos, salientando a importância da cooperação internacional para a universidade enquanto produtora de conhecimento.

Conforme Broveto (1998, *apud* MOROSINI, 2011, p. 95), o primeiro modelo é identificado como Cooperação Internacional Tradicional – CIT, o qual é “caracterizado por relações de competitividade entre as instituições de educação superior (IES) na captação de sujeitos e de consumidores. A ênfase é posta nos contatos internacionais e nas atividades que

fortalecem as IES, principalmente as de pesquisa e de pós-graduação”. O segundo modelo é proposto por Didriksson (2005, *apud* MOROSINI, 2011, p. 96). Tal modelo, com base na solidariedade e na consciência internacional, se apresenta como um modelo de cooperação internacional para a América Latina e o Caribe e é denominado de Cooperação Internacional Horizontal - CIH. Esse tipo de cooperação, ainda de acordo Didriksson (2005, *apud* MOROSINI, 2011, p. 96), se contrapõe ao modelo tradicional de cooperação internacional, no qual o mercado tem o domínio dos princípios.

Neste aspecto, o autor sustenta que a finalidade da cooperação internacional deveria estar centrada em:

fortalecer os principais componentes da integração e articulação de assuntos, instituições, agências e recursos para garantir uma espécie de cooperação horizontal compartilhada e evitar a substituição, alteração ou direção da iniciativa local. O desenvolvimento de uma capacidade própria ou o seu empoderamento local, sub-regional e regional deve ser o objetivo central das novas formas de cooperação. Isso significa que os atores locais são os principais responsáveis pelo projeto e formulação de propostas, Programas e projetos de mudança bem como os principais atores no processo de transformação (DIDRIKSSON, 2005, p. 25).

Morosini (2011) acrescenta que a internacionalização da educação superior, na perspectiva institucional, também pode ser compreendida em termos de modelo. Relata que são propostos dois modelos tipo-ideal weberianos: o Modelo Central de internacionalização da educação superior e o Modelo Periférico. Conforme Wit (2005, *apud* MOROSINI, 2011, p. 96), o primeiro é um processo que abrange uma dimensão internacional, intercultural ou global aos objetivos, funções e organização da educação pós-secundária. O segundo se apresenta como um processo evidenciado pela presença de atividades internacionais em alguns setores da IES. A partir de tais considerações e diante da complexidade da expansão da educação superior, verifica-se a notoriedade de como a internacionalização é concebida e direcionada cada vez mais a responder as demandas da globalização.

Nesse sentido, a autora Jane Knight (2008) relata que a globalização é um processo que tem impactado significativamente a internacionalização da educação superior, trazendo consigo novas oportunidades, riscos e desafios. Resume seu ponto de vista colocando que “a internacionalização está mudando o mundo da educação e, a globalização está mudando o mundo da internacionalização” (KNIGHT, 2008, p. 5). De acordo com a autora, esforços substanciais têm sido feitos durante a última década a fim de se manter o foco na internacionalização do ensino e de se evitar o uso do termo globalização da educação. Ressalta que a relação entre esses dois termos é reconhecida, porém, ambos não são vistos como sinônimos e tampouco utilizados de forma intercambiável (KNIGHT, 2003).

Juntamente com Philip Altbach (2006), Jane Knight (2006) salienta a distinção entre globalização e internacionalização da educação superior. Os autores acreditam que a globalização está relacionada ao contexto das tendências econômicas e acadêmicas do século XXI, enquanto a internacionalização se constitui como o conjunto de políticas e práticas empreendidas por sistemas acadêmicos, instituições e indivíduos para lidar com o ambiente acadêmico global (ALTBACH; KNIGHT, 2006). Os autores relatam,

A globalização corresponde às forças econômicas, políticas e sociais que impulsionam a educação superior no século 21 para um maior envolvimento no cenário internacional. Estes fatores incluem a crescente integração da pesquisa, o uso do inglês como língua franca para a comunicação científica e, até certo ponto, para o ensino superior em nível mundial, a crescente importância de um mercado de trabalho internacional para acadêmicos e cientistas e, mais particularmente, todos os aspectos relacionados à tecnologia da informação. (ALTBACH, KNIGHT, 2006, p.14, grifo do autor).

Ao referir-se especificamente à América Latina Sylvie Didou (2006b) coloca que até final da década de 1980, a internacionalização foi na América Latina um dos temas ausentes na literatura sobre educação superior. Só era mencionada desde que em tom menor por associações de universidades latino-americanas com vocação continental ou macrorregional. Acrescenta ainda que foi somente a partir dos anos 1990 que a temática da internacionalização se tornou parte das agendas nacionais sobre a educação superior. Contudo, Didou salienta que a participação de empresas e atores universitários foi intensa, porém, extremamente circunscrita:

Embora pequenos grupos tenham se beneficiado dos enormes programas de cooperação, para a maioria, estes nunca deixaram de representar oportunidades inalcançáveis. Situadas entre crises estruturais e pressões diárias, apenas algumas instituições dispunham de recursos financeiros e humanos para financiar uma abertura internacional onerosa e politicamente delicada. Estudantes de famílias pobres ou empobrecidas raramente reuniram capital cultural e econômico suficiente para as mobilidades. (DIDOU, 2006b, p. 57)

Vale salientar que a autora supracitada avança na hipótese de que a internacionalização da educação superior, tal como é compreendida atualmente, não existiu como objeto específico de reflexões especializadas, tampouco de aplicações públicas até os anos de 1990. E ainda, Didou afirma que mesmo que o assunto da internacionalização das universidades latino-americanas seja menos polêmico que o assunto da globalização e suas repercussões, principalmente comerciais, em âmbito educativo se faz tarefa árdua situar tal assunto à margem das turbulências despertadas pelo auge desse modelo de ordenamento econômico, social e político.



Observa-se, nesta via, que a internacionalização da educação superior se encontra amplamente influenciada pela globalização. No entanto, inserida neste contexto, acaba por gerar não só a reafirmação das identidades culturais como também sua confrontação no seio das universidades, e corroborando com Didou (2006), podemos vislumbrar a internacionalização como uma roupagem nova da globalização neoliberal e mercantilista. E, notadamente, a ausência de discussões mais sistemáticas, dos impactos e possíveis consequências de tal evento, nas esferas políticas, sociais e culturais na educação superior e na construção do conhecimento científico.

A esse respeito, Delanty (2001) analisa as teorias sobre a universidade e o conhecimento, afirmando que a universidade pós-moderna é compreendida como o receptáculo apropriado para a articulação dos novos tipos de identidade cultural e política, bem como incubadora de novas identidades. Para tal, cita como exemplos: a cultura do conflito dirigida ao currículo, à ação afirmativa e ao politicamente correto; o crescimento dos estudos culturais como uma nova disciplina, e questões ligadas ao cosmopolitismo e à reflexividade. Nesse prisma, Delanty acrescenta que o papel da universidade pode ser contemplado em termos de interconectividade dos diversos modos de conhecimento, porém, mais importante se faz a corporificação dos processos cognitivos pelo conjunto de atores sociais que geram o conhecimento e os modelos culturais. E, uma investigação mais aprofundada sobre a chamada Identidade Cultural revela que a mesma, advinda de características próprias da cultura de um povo, se constitui como tema complexo, uma vez que depende de diversos fatores que se modificam e se agregam a uma determinada sociedade ou civilização ao longo da história.

Stuart Hall (2006) afirma que alguns teóricos acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, uma vez que as sociedades modernas, a partir do final do século XX, têm sido transformadas pelo advento da globalização e ainda, tais transformações, têm também mudado as identidades pessoais, abalando a ideia que o indivíduo tem de si mesmo como sujeito integrado. Hall ressalta que as identidades culturais apresentam-se em constante mudança em decorrência da mescla dos povos, juntamente com seus costumes e tradições enquanto reflexo da globalização, e o fato da cultura estar sendo cada vez mais invadida pela identidade cultural, tem acarretado uma crise na área das ciências humanas (HALL, 2006). E ainda, segundo Hall, o fenômeno da globalização contribui para o deslocamento das identidades culturais homogeneizando-as, fragmentando-as e, conseqüentemente, enfraquecendo-as, pois se torna tarefa árdua e pouco provável que as mesmas se conservem intactas à medida que se

tornam mais expostas a influências externas, ou seja, devido ao bombardeamento e à infiltração de várias culturas.

Nessa via, percebe-se a Internacionalização, fenômeno em rápida evolução, que se manifesta tanto como ator quanto “reator” das novas realidades impostas pela globalização – termo ambíguo que implica, dentre outros, na hegemonia do sistema capitalista, na dominação de nações e corporações ricas, e na perda de identidade e da cultura nacional (GREEN; ECKEL, 2002) - revela-se como uma das principais forças que influenciam e configuram o Ensino Superior frente aos desafios do século XXI, cuja imagem que emerge é a da complexidade, diversidade e diferenciação.

Inseridas nesse cenário, destacam-se as universidades públicas fazendo a pluralidade ecoar como sua característica marcante. Nesse sentido, Bringas *et al.* (2015, p. 206) destaca que:

É nas universidades públicas que os vários sistemas de valores que caracterizam uma sociedade verdadeiramente democrática interagem. É lá que as diversas cosmovisões científicas e culturais, em sentido amplo, podem ser reconhecidas. É neste espaço de pluralidade onde os membros de uma sociedade nacional podem estruturar sua pertença social sem recuar ou ser excluídos por sua identidade étnica, regional, linguística, cultural e religiosa, por sua classe social, e muito menos por sua condição de gênero. (BRINGAS *et al.*, 2015, p. 206)

Dessa forma, ao tratar da internacionalização da educação superior, fica evidente a grande relevância do papel das universidades nesse contexto. Elas estão imbuídas do compromisso não somente de oferecer educação de qualidade, mas também respeitar e fortalecer as identidades culturais, auxiliar na obtenção de coesão social, bem como intensificar suas responsabilidades junto à sociedade.

Faz-se necessário ressaltar que, conforme Lima e Contel (2011), no âmbito da internacionalização dos circuitos acadêmicos, ao tratar do fluxo de estudantes, professores e pesquisadores, bem como ao intercâmbio de conhecimento e ciência, existe uma desigualdade crescente entre os atores pertencentes às distintas realidades regionais. Os referidos autores afirmam que alguns países utilizam-se da mobilidade internacional dos atores acadêmicos em benefício próprio, caracterizando sua internacionalização como “ativa”<sup>5</sup>, enquanto a maior parte dos países segue a reboque tal comando ativo por parte dos países centrais, fornecendo “cérebros”, recursos financeiros e comprando “produtos educacionais” ali produzidos.

Lima e Contel (2011) afirmam que:

---

<sup>5</sup> A ideia de internacionalização ativa e passiva diz respeito à formação recente também nos circuitos acadêmicos e universitários de atores hegemônicos e atores hegemonzados (LIMA; CONTEL 2011, p. 16).

o atual quadro de internacionalização da educação se molda em função do comportamento de cada nação, se de forma mais ativa ou se mais passiva: enquanto alguns países do centro do *sistema-mundo* assumem papéis mais protagonistas, a maioria dos demais se insere por uma relação de subordinação. Esta forma de inserção ao sistema de educação mundial reforça o histórico desequilíbrio existente entre os países do norte e do sul. (LIMA; CONTEL 2011, p. 19)

Philip Altbach (2002) adverte sobre o novo neocolonialismo que se apresenta no cenário atual, onde as corporações multinacionais, os conglomerados de mídias e as grandes universidades são os atores principais, os quais procuram dominar não por razões políticas e ideológicas, mas prioritariamente por negociações comerciais. Segundo o autor, tal fato gera como resultado a perda de autonomia intelectual e cultural por aqueles que são menos poderosos e faz com que a colaboração acadêmica, as trocas intelectuais e a própria Internacionalização estejam subordinadas à função primordial: o lucro. Acrescenta que, o mundo está se movendo no sentido da internacionalização da educação superior, mas para tal, tem se utilizado das energias da academia e respondido às necessidades do mercado (ALTABACH, 2002). Jane Knight juntamente com Altabach (2006) complementam:

Do mesmo modo que a globalização tende a concentrar riqueza, o conhecimento e o poder nas mãos daqueles que já os possuem, a mobilidade acadêmica internacional tem favorecido os sistemas e instituições educacionais já desenvolvidos. Existem claros sinais de desigualdade no mundo em expansão do ensino superior internacional. As iniciativas tendem a caminharem na direção Norte-Sul. A aquisição do conhecimento, os produtos do saber, a infraestrutura de tecnologias da informação e similares estão quase exclusivamente nas mãos de instituições, corporações e grupos de interesse localizados no Norte. [...] Embora a internacionalização seja muito mais do que uma via de sentido único e não se possa negar que preenche lacunas importantes no Terceiro Mundo, é amplamente controlada pelo Norte. (ALTABACH, KNIGHT, 2006, p.15)

Verifica-se, portanto, que a internacionalização da educação superior tem se tornado, cada vez mais, um conjunto de esforços proativos das universidades em resposta às demandas competitivas e econômicas do mundo globalizado. Posto isto, questionamos se o fenômeno da internacionalização das universidades brasileiras, não estaria sendo mais uma forma de imperialismo do sul? Em outra roupagem, a internacionalização, recentemente implantada às IES, via tendências Norte-SUL, no intuito de fortalecimento intercultural e multicultural das mesmas, não estaria ressaltando ainda mais o domínio e controle do Norte em relação ao Sul?

Vale ressaltar aqui a afirmativa dos autores supracitados que “Embora a internacionalização seja muito mais do que uma via de sentido único”, ela é um fenômeno

amplamente controlado pelas vozes do Norte, mas que, por outro lado, a interação de várias culturas, ou ainda, pela inter e multiculturalidade, empoderamento e (re)construção de conhecimentos e identidades pessoais e profissionais, podemos encontrar outras vias, ou ainda, uma terceira margem do rio, que seriam consequências (não)intencionadas deste complexo processo.

O autor Dias Sobrinho (2005, p. 61) coloca que “a educação em qualquer de seus níveis, mas, de modo especial, a educação superior, está totalmente mergulhada nas contradições da globalização, especialmente no que tem relação com o que constitui o seu fenômeno central: as contradições de seu mercado global”. O autor acrescenta, ainda, afirmando que a palavra-chave desse fenômeno é a competitividade e que a educação superior é convocada a produzir as condições básicas para o aumento dessa competitividade, a qual, segundo ele, é hoje compreendida como a alma do desenvolvimento.

Nesse cenário, Dias Sobrinho (2005) discorre sobre os dilemas que estão postos à educação superior pela manifestação da crise estrutural do Estado, o qual não é capaz de prover suas instituições das condições necessárias para que a equidade, a justiça social e a democratização sejam promovidas. O referido autor descreve um cenário de contradições, onde está situado o grande dilema da educação superior hoje: educação como direito social e bem público ou educação como negócio e mercadoria?

Dessa maneira, fica cada vez mais evidente que a atual manifestação da internacionalização da educação superior pode adquirir tanto o sentido humanista da solidariedade quanto o da expansão capitalista e da mercadorização em decorrência das profundas transformações ocorridas no cenário mundial.

### **Algumas considerações**

O presente artigo centrou-se na discussão crítico-reflexiva a respeito da internacionalização do ensino superior, no intuito de contribuir para a área de formação de professores de língua materna e estrangeira. Pois, além de manter o foco das discussões nos inúmeros resultados positivos que a internacionalização pode propiciar, fica evidente a necessidade de uma discussão mais aprofundada a respeito das consequências (não) intencionais que possam surgir desse complexo processo que se instaura na pós-modernidade.

Cientes de que a temática “internacionalização da educação superior” vem se fortalecendo nas políticas nacionais de educação superior, bem como nas universidades, verificou-se que empreender a internacionalização na era da globalização requer medidas

precisas que possibilitem o desenvolvimento de ações eficazes em um ambiente que se apresenta cada vez mais complexo e competitivo.

Philip Altabach juntamente com Jane Knight (ALTBACH; KNIGHT, 2006), relacionam a globalização às tendências econômicas, políticas e sociais da educação superior, ressaltando o uso do inglês como língua franca para a comunicação científica. Ao se referirem à internacionalização, salientam o conjunto de políticas e ações que envolvem os sistemas acadêmicos no cenário internacional. No entanto, o retrato do atual cenário mundial revelou com mais clareza os desafios para a internacionalização da educação superior ocasionando a conscientização da relevância de discussões mais sistematizadas sobre o fenômeno e seu impacto na formação de professores de línguas e principalmente de línguas adicionais, como por exemplo, no investimento da competência linguístico-comunicativa da língua inglesa neste contexto.

Vale ainda ressaltar, que o nível de conhecimento de um segundo idioma apresentado pelos brasileiros está, na maioria das vezes, associado às oportunidades educacionais a que os estudantes têm acesso, isto é, à cultura local, aos aspectos sociais, econômicos, políticos, emocionais e afetivos desses aprendizes em relação à aquisição desse idioma, o qual precisa ser “desestrangeirizado”. Vale ressaltar também as especificidades identitárias de cada sujeito na sua travessia de vias intersectadas.

Nesse sentido, se faz perceptível o imprescindível investimento que deve ser destinado aos ensinos médio e fundamental, visando preparar melhor os estudantes que ingressam no ensino superior - fator preponderante para o acesso dos mesmos nas Pós-graduações Stricto-sensu bem como nas mobilidades acadêmicas internacionais. Porém, enfatizarmos a necessidade do advento da internacionalização abranger dentre seus objetivos, o respeito às especificidades locais e regionais.

Dessa maneira, ficou constatado que o processo de internacionalização juntamente com o advento da globalização intensificam as relações sociais além das fronteiras geográficas e geopolíticas, envolvendo não apenas economia, mas pessoas, hábitos, identidades e culturas, remetendo portanto, ao início de uma nova caminhada no campo das relações internacionais, onde a cultura e o acesso ao segundo idioma tornam-se bagagens essenciais para uma travessia de sucesso.

## Referências

ALTBACH, Philip G. *Knowledge and education as international commodities: the collapse of the common good*. *Current Issues In Catholic Higher Education*, v. 22, May-June, 2002.

ALTBACH, Philip G.; KNIGHT, Jane. Visión panorámica de la internacionalización en la educación superior: motivaciones y realidades. Traducido por Laurette Godinas. *Perfiles educativos* [online]. 2006, v. 28, n. 112, p. 13-39. ISSN 0185-2698. Disponível em: <[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S018526982006000200002&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S018526982006000200002&lng=es&nrm=iso)>.

BERNARDES, Márcia Nina. Globalização. In: *Dicionário de filosofia do direito*. Vicente de Paulo Barreto (Org.). Rio de Janeiro: Renovar, 2006.

BLOCK, David. & Deborah. CAMERON, (eds.). *Globalization and language teaching*. London: Routledge, 2002.

BRINGAS, Hernández; HIRAM, Héctor; QUINTAN, Martuscelli; Jaime, NAVARRO, David Moctezuma; MUÑOZ GARCÍA, Humberto; NARRO ROBLES, José. Los desafíos de las universidades de América Latina y el Caribe. ¿Qué somos y a dónde vamos? **Perfiles Educativos** [en línea] 2015. Acesso em: 14/03/2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=13233749012>> ISSN 0185-2698>.

CRYSTAL, David. *English as a global language* (2nd edn.). Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DELANTY, G. Challenging knowledge: the university in the knowledge society. UK: RSHE, 2001. CUTRIGHT, Marc. Book review: Gerald Delanty 2001. Challenging Knowledge: The University in the Knowledge Society. Buckingham: The Society for Research into Higher Education; ISBN 0-335-20579-8. (Pb.) ISBN 0-335-20578-X and Open University Press: Higher Education, v. 46, p. 123-125, 2003.

DIAS SOBRINHO, José. *Dilemas da educação superior no mundo globalizado: sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento?* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

DIDOU, S. Internacionalización de la educación superior: entre el entusiasmo y el desencanto. En: *Perfiles Educativos*, vol. XXVIII. México: Centro de Estudios sobre la Universidad. Universidad Nacional Autónoma de México, 2006b. p. 56-70.

DIDRIKSSON, A. *Reformulación de la cooperación internacional en la educación superior de América Latina y el Caribe*, 2005. Disponível em: <<http://66.102.1.104/scholar?hl=pt-BR&lr=&q=cache:CuVtvyVtxbkJ:www.reduc.cl/raes.nsf/0/dcb6d1d656d1e39304256839006d6479/%24FILE/rae08.190..pdf+author:%22Didriksson%22+intitle:%22Reformulaci%C3%B3n+de+la+cooperaci%C3%B3n+internacional+en+la+...%22>>.

DOWBOR, Landislau; IANNI, Octavio; RESENDE, Paulo-Edgar A. (Orgs.). *Desafios da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1998.

GREEN, Madeleine; ECKEL, Peter; BARBLAN, Andris. The brave new (and smaller) world of higher education: a transatlantic view. *international higher education, US*, v. 29, September, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de: SILVA, Tomaz Tadeu da; Louro, Guaciara Lopes . 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HASMAN, M.A. In a Word. *The role of English in the 21st century*. TESOL, Chile. 1(1), Fall 2004, p. 18-21. Retrieved from:  
<http://www.tesolchile.cl/documents/TESOL%20Newsletter%20no.%201%20August%202004.pdf#page=18>.

HUPPAUF, B. *Globalization: threats and opportunities*. In: GARDT & HUPPAUF (eds.), p. 3 –24, 2004.

IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

KNIGHT, Jane. *Internationalization: a decade of changes and challenges – International Higher Education*, n. 50, 2008.

LIMA, Manolita C.; AVRICHIR, Ilan; CONTEL, F. B. *Internacionalização da educação superior: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento*. São Paulo: Alameda, 2011.

MOROSINI, M. C. Internacionalização da educação superior. In: MOROSINI, M. C.(Ed.). *Enciclopédia de pedagogia universitária*. v. 2. Glossário. Brasília: Inep, 2006.

*Recebido em 11 de setembro de 2017*

*Aceito em 16 de novembro de 2017*